

A terceira margem do rio

Crítica literária

Jacqueline Leite Nóbrega
Marquessuel Dantas de Souza

O rio e sua terceira margem...

O ato de existir uma canoa para refugiar-se e ficar as beiras ou em volta do rio pudera não ter existido. Posto que estamos falando de uma criação literária. No entanto, na produção vê-se indícios de relações existenciais efetivas. Bem, há muitos conceitos e situações vagas e complexas que ao mesmo tempo se complementam, mesmo sendo singulares. Vejamos um exemplo: a cena da mãe que se porta com cordura nos remete ao fato de que ela seja ao mesmo tempo prudente e melancólica quando diz: “*Cê vai, ocê fique, você nunca volte!*”¹.

Não obstante, temos o pai que, em sua extrema solidão, não consegue dialogar para com o filho, à medida do seu descontentamento e desconhecimento por parte desse comportamento que o filho tem sobre o pai, sem motivos (aparentemente). Um distanciamento, por assim dizer, onírico. Ou seja, em nosso caso específico, uma distância inconsciente e consciente simultaneamente na singularidade de pai e filho, naturalmente interligando-os. Uma realidade irreal e uma irrealidade real. Um entrelaçamento do ser e do não ser num sonho desperto margeando um rio. Fluindo de forma profunda a imaginação e a criação literária.

Canoas, comidas para viagem... proximidades ilógicas entre os personagens.

Por que um senhor viaja em torno de um rio, ao mesmo tempo próximo de sua casa vagando?

Sempre encontra o filho porventura perto de si para lhe dar comida consideravelmente, com frequência. Entretanto, mantendo aquela distância onírica, ou seja, um distanciamento imagético...

Consideramos que esta produção rosiana foi feita com o intuito de identificação por parte do Ser, pois, a terceira margem do rio é o fluir em sua leitura imanente e não deixa de ser um mistério. Sendo a mesma margem – citada anteriormente –, uma fluidez interior, que pode ser

¹ GUIMARÃES ROSA, João. *A terceira margem do rio*. p. 80. In: **Primeiras estórias**. 15ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. pp. 79-85. 237p.

considerada como algo inexplicável, que foge aos sentidos à medida de uma compreensão intrínseca por parte do indivíduo...

A terceira margem do rio é o leitor em sua fluidez literária. O leitor se torna o ponto de partida na correnteza literário do rio. Onde o mesmo tem a possibilidade de ser real, entretanto, com o Ser o encarando de forma profunda, simples, sendo uma representação simbólica de algo que não poderia ser descrito em meio a complexidade de si mesmo e de seu ambiente em que está inserido. É a partir do leitor que a terceira margem do rio surge, se faz presente. Entrementes, o rio lá acontece, mas o leitor o faz acontecer.

Guimarães Rosa soube mergulhar na mente humana, sem, contudo, mergulhar no rio. Usou da perspicácia da simbologia linguística. Ao tocar a superfície aquática do rio, ele penetrou muito sabiamente a mente do ser do homem. Portanto, o autor quase que narcisicamente coloca o leitor de frente ao espelho d'água. Contudo, ilustrando a realidade do espelho da fase de descobrimentos do Eu. Além disso, vê-se o quanto complexo o autor e seus personagens juntamente com o leitor se envolvem numa mágica literária e psicológica interessante: o drama da vida.

Quem sabe a canoa não era o próprio Ser mergulhado em sua existência solitária? E mais: não aparece motivos profundamente explícitos para o filho se comportar da mesma maneira como o pai (principalmente), diante do próprio filho. E por que de tal fato? Pelo fato de que o próprio autor nunca ter explicado convincentemente como ele produziu o conto aqui discutido. A linguagem cotidiana e simples da narrativa demonstra o quão amplo o seu autor foi em suas criações literárias. O povo real e o mundo real se fazem presente permanentemente. A “vida oficial” não tem lugar no conto. Mas sim a “vida real”. Os diálogos entre pai e filho caracteriza a pulsação da vida diária em minutos, segundos... E, de certo modo, traduz a beleza da arte no que concerne à literatura para além dos padrões estabelecidos da licença poética.

É importante ressaltarmos que essa produção rosiana decifra a sociedade nos dias atuais, onde as pessoas porventura não sabem quem são, não entendem o mundo em que vivem, e se bramem em lamúrias e existências complexas e se perguntam a todo tempo por que se encontram no planeta terra, sem, efetivamente chegar a lugar nenhum. Não tem conhecimento de que vivemos a existência que nos escapa, e que nos faz perder-nos em nós mesmos; e não podemos detê-la. Todavia, existência esta que nos faz ser o que somos.

Primeira passada das águas: descontentamento do Ser...

Segundo fluir das águas: questionamentos.

Terceira fluidez, isto é, a correnteza não cessa: o fluir nas águas... ou porventura, em si mesmo.

A terceira margem do rio, um conto arquetípico. Um conto psicológico. Quer dizer, quando Guimarães Rosa o escreveu e o publicou talvez não tenha percebido ou se dado conta, ou mesmo não tenha sido a sua intenção, mas o conto aqui brevemente analisado orbita em torno dos arquétipos coletivos junguianos, assim como envolve, por assim dizer, o complexo de Édipo freudiano. Uma envolvente e complexa relação entre pai e filho.

Em algum momento o conto rosiano parece sem sentido, algo muito confuso, mas notoriamente o conto é uma produção surreal.

A margem terceira do rio...